

Um dia na vida de DOM LUCIANO

O bispo dos miseráveis da zona Leste e seu pátio dos milagres

RICARDO KOTSCHO
Da Reportagem Local

Quarta-feira, 5 de junho —um dia como os outros na vida de Luciano Pedro Mendes de Almeida, carioca de 54 anos, fala mansa e jeito de mineiro, cabelos grisalhos atacados por uma caspa incurável, um homem de estatura mediana que anda sempre de terno preto e camisa branca abotoada até o colarinho. Secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) desde 79 e bispo da Região Episcopal Belém, na zona Leste de São Paulo, há nove anos e três meses, criador e coordenador da Pastoral do Menor, d. Luciano nasceu mesmo para ser padre. Não poderia ser outra coisa na vida, como os leitores constatarão logo neste relato sobre seu inacreditável cotidiano.

Combinamos nos encontrar às 5h30 na sua casa, um modesto sobrado geminado na rua Cajuru, perto do largo São José de Belém. É a hora em que normalmente começa seu dia que ele nunca sabe quando vai terminar. Faz um frio danado, os operários caminham apressados para os pontos de ônibus, soltando fumaça pela boca. Há luzes acesas na casa do bispo, que reclama uma boa pintura.

Irmã Carmem, franzina religiosa que há anos acompanha d. Luciano, vem atender à porta: "Ele pediu desculpas para vocês. Falou para esperarem um pouquinho. Ficamos pelejando com uns bêbados aqui até agorinha há pouco e ele foi descansar um tempinho. Não convidou vocês para entrar porque ainda tem um bêbado dormindo na sala..."

Todo dia é assim, diz ela, balançando a cabeça. D. Luciano tinha chegado em casa à uma da manhã, depois de rezar uma missa na favela Sinhá; resolver o problema de um casal de São Mateus, que quer se aposentar mas não tem a documentação em ordem; visitar um padre que está doente no Jardim Colonial e outro que aniversariava em Sapopemba; fazer uma palestra sobre a Pastoral do Menor num encontro de casais, no Colégio São Luis, e visitar a mãe da sua secretária Drcaci, que sofrera um enfarte fulminante e estava internada no Hospital Mata-razzo.

Quando chegou em casa, encontrou a confusão armada. O pintor desempregado João Moreira Filho, 42, quatro filhos, tuberculoso e com problemas mentais, mais uma vez se embriagou e veio pedir ajuda ao bispo, como sempre faz nos momentos de desespero. O bispo não estava. Mas, não acreditando na palavra de irmã Carmem, João começou a esmurrar e a dar cabeçadas na porta, tentando arrombá-la. Ele faz parte de um grupo de uns vinte homens em situação de absoluta indigência que frequentemente vêm durante a noite pedir ajuda ao bispo. Fora esses, há os necessitados eventuais, de tal forma que todas as noites o movimento na casa 774 da rua Cajuru vara a madrugada, transformando o pequeno jardim num verdadeiro pátio de milagres enfeitado por algumas roseiras.

O dia está clareando. D. Luciano acordou, depois de dormir menos de três horas. Tossindo muito, os olhos lacrimejando de sono —problema crônico que já lhe valeu uma mióbia—, o bispo pede desculpas mais uma vez pelo atraso e vai logo tratando de dar início à sua rotina diária. O desjejum se resume numa xícara de café tomada às pressas e uma bolacha.

Acima da porta da sala de visitas, onde o pintor desempregado ainda dorme, lê-se num painel: "Senhor, assim como falas comigo através da Tua criação, fala de Jesus aos outros através de mim." Sobre uma cômoda no hall da escada há uma imagem de Nossa Senhora. São os únicos sinais de que esta é a casa do bispo.

D. Luciano veio morar aqui há cinco anos. Era a casa do vigário do Belém, padre Antônio Bonfante, que pouco depois voltou para a Itália. A antiga residência episcopal foi transformada em sede do Centro Social do Belém, criado por d. Luciano. Nos fundos, há um quarto de hóspedes, permanentemente ocupado por doentes que saem dos hospitais e não têm para onde ir.

Depois de acordar o hóspede da sala de visitas e ver como ele estava passando, d. Luciano dá uma olhada

na sua agenda. O primeiro compromisso oficial é às 9h: reunião com os 110 padres da Região Episcopal Belém. Primeiro jesuíta a ser sagrado bispo no Brasil e a trabalhar numa diocese, em março de 76, ele me diz que esta sua atividade pastoral em favor dos desamparados não é propriamente uma opção, mas uma necessidade.

"De duas uma: ou você blinda a porta da casa ou entra em comunhão com eles. Esta é uma exigência do lugar, uma região pobre, desativada da cidade. Os que me procuram não têm mais a quem recorrer. Os serviços sociais do Estado são limitados."

O caso de João é um bom exemplo, afirma ele. Há um mês deixou de receber pensão por invalidez porque, segundo os médicos do Inamps, tem condições de trabalhar. Mas não arruma emprego porque é obrigado a tomar tranquilizantes e não tem condições de subir uma escada. "É um caso que não tem solução. Eu não posso curá-lo e não posso obrigar o Estado a lhe dar uma pensão."

No começo, quando chegou à diocese, lembra o bispo, era mais fácil resolver estes problemas. Bastava dar um prato de sopa, um dinheirinho, um remédio, uma carta de recomendação, uma palavra de consolo. "De três anos para cá, a situação piorou muito. O desemprego aumentou, as instituições estão oneradas, as pessoas cansadas. Há uma certa faixa de sofredores que exagera, extorque, no desespero. O relacionamento franciscano com o pobre se tornou mais violento, é árduo, incompreendido. As pessoas não entendem. Achem mais fácil chamar a polícia. Os pobres brigam entre eles, por nada, por uma ponta de cigarro. Muitas vezes sou obrigado a apartar as brigas no berro. Mas também não sou nenhum Tarzã..."



"Os que me procuram não têm mais a quem recorrer"

João conta a d. Luciano que seu aluguél vai passar de Cr\$ 60 mil para Cr\$ 150 mil e ele não sabe como vai fazer. "Vivo na base da humilhação. Eu não tenho parentes para me ajudar. Só tenho esse amigo aqui, que para mim é mais do que um pai. Sabe o que é um pai?" pergunta o pintor, apontando para o bispo. "Não conheço outra pessoa tão humana." Antes de ser suspensa a pensão, João recebia Cr\$ 135 mil, o que hoje não daria nem para o aluguel.

D. Luciano vai atender o primeiro telefonema do dia. "Não há de ser nada, Deus é Pai", diz, antes de desligar. Nem um minuto depois, ligam da CNBB, de Brasília. O secretário-geral, que passa metade do mês lá e metade em São Paulo, dá instruções para o envio de documentos ao Vaticano.

Tanto em São Paulo como em Brasília, d. Luciano costuma rezar missa todos os dias às 7h15, mas hoje, com o problema de João, ele se atrasou. Ainda há tempo, porém, antes da reunião com os padres, de fazer o que mais gosta na vida: visitar as crianças dos centros comunitários que ele mesmo ajudou a criar, em sua maioria filhos de mães solteiras que moram nos cortiços da região. Um em cada três dos dois milhões de habitantes da sua diocese mora em cortiços. Na cidade toda, informa o bispo, a população encortificada chega a 3,8 milhões de pessoas e os favelados beiram um milhão. Ou seja, metade dos dez milhões de habitantes de São Paulo mora em sub-habitções.

Vamos primeiro ao Centro Educacional Comunitário São Francisco de Assis, no Brás, instalado há um ano numa escola técnica que só funciona à noite. "O dono da escola nem católico é, mas nos cedeu as instalações durante o dia sem cobrar nada." D. Luciano não tem carro, só anda de carona. Do táxi que serve a reportagem da Folha ele avista uma jovem caminhandando na calçada: "Aquele menina é a Alice. Fez dezoito anos há dois dias. Os pais morreram e depois ela foi abandonada pelo casal que a adotou. Vivia na rua, abandonada, se desesperou, virou indigente. Agora está recuperada, trabalha no centro."

Alice é uma das catorze mulheres que ajudam irmã Monica —uma das religiosas que vieram do elegante

Colégio Sacre Coeur de Jesus, da avenida Nove de Julho, para trabalhar com carentes da zona Leste— a cuidar das 136 crianças entre 2 e 14 anos que frequentam o São Francisco de Assis. Estas crianças antes passavam o dia trancadas nos cortiços, enquanto as mães trabalhavam, e a maioria chegou ao centro comunitário apresentando graves sintomas de desnutrição.

Agora, são crianças bem vestidas e coradas que vêm saudar d. Luciano, fazendo a festa —dele e delas. O remédio é um só: comida e carinho. O mais animado é Cristiano Oliveira Santos, hoje com três anos, um menino que passava o dia trancado no quarto, sem comida, até que o dono do cortiço, não aguentando mais seus gritos, resolveu arrombar a porta para lhe dar pão e água.

O grupo de trinta crianças que está no refeitório instalado num porão, tomando leite e comendo bolo, interrompe a merenda para receber o bispo, cantando a "Oração do Pastor", de padre Zezinho, que diz assim: "Abençoa, Senhor, o nosso pastor/Abençoa, Senhor, este homem de paz/ E faz com que ele não canse jamais". Nestas horas, d. Luciano até esquece o cansaço e brinca:

"Quem aí gosta de feijão?"
"Quem aí quer ser padre?"

Até as meninas levantam o braço. "A gente tem força por causa disso", confidencia o bispo ao sair do refeitório para ir brincar de roda com as crianças no pátio. Animado, vai até o outro lado da escola para dar a partida numa corrida de meninos empurrando pneus velhos. Onde ele vai, as crianças vão atrás.

A caminho do Educandário São José, um dos mais tradicionais da zona Leste, fundado pelos irmãos do Imaculado Coração de Maria há 74 anos e há três transformado num centro comunitário para crianças carentes, d. Luciano fala da luta que foi vencer a Prefeitura a fazer convênios que permitissem pagar a manutenção destas escolas. Nos últimos três anos, a diocese instalou sessenta desses centros comunitários, além de vinte creches.

Irmã Arceania, que já foi superiora da ordem e hoje cuida do centro comunitário que abriga crianças de cortiços de 4 a 14 anos, vem receber d. Luciano na porta e, enquanto caminhamos, nos diz: "Entre as 140 crianças que temos aqui atualmente, você não encontra cinco casais direitinho, bem constituídos, crianças com pai e mãe. A gente fica com pena dessas mães abandonadas pelos maridos. Elas são verdadeiras heroínas."

Outra vez no táxi, o bispo procura explicações para esta situação. "Com as obras do metrô, tivemos aqui um processo de deterioração urbana muito violento. Quem recebeu indenização foi morar em outros bairros mais distantes. As casas que ficaram de pé viraram cortiços. Você vê que só agora, com a conclusão das obras, estão sendo construídos os primeiros edifícios. Pode ser que agora haja um processo inverso, temos muita esperança..."

Passamos em frente ao famoso "quadrilátero da Febem" na Celso Garcia. O bispo lembra: "Foi aqui que comecei nosso trabalho com o menor. Nossa preocupação sempre foi acompanhar o menor que sai para que ele não volte à Febem". D. Luciano se entusiasma ao falar do trabalho com os menores, que iniciou em 77, e não titubeia um instante quando lhe pergunto o que prefere: este trabalho pastoral ou cuidar dos grandes temas eclesiais e institucionais como secretário-geral da CNBB, em Brasília. "Disso aqui, é claro."

Daqui a um ano, ele atinge o prazo limite (oito anos) estabelecido pela CNBB para alguém permanecer no mesmo cargo na entidade. E aí: d. Luciano deixa a CNBB e fica de uma vez na sua zona Leste ou concorre à presidência? Ele desconversa: "Bem, isso aí não depende de mim." A propósito, é bom lembrar que, quando da sua primeira eleição para secretário-geral da CNBB, em abril de 79, d. Luciano foi responsável por um fato inédito na história da entidade: ao receber 89,75 % dos votos, tornou-se o primeiro dirigente a eleger-se em primeiro escrutínio. "Se fosse hoje, não teria mais essa unanimidade", admite ele, ao descer do táxi em frente à Paróquia Cristo Rei, local da reunião com o clero.

Excepcionalmente, hoje, d. Luciano é um dos primeiros a chegar. Estar sempre atrasado para os compromissos é uma das suas características, graças aos imprevistos que vão engordando sua agenda diária. "O d. Luciano conhece quase todo mundo aqui na região, chama as pessoas pelo nome. Vira e mexe ele vai à delegacia para resolver problemas de encrencas de vizinhos, brigas de marido e mulher. Nos fins de semana, para descansar, ele visita as comunidades de base e sempre chega atrasado em todas, porque no caminho vai incluindo mais algumas...", me diz um jovem padre.

A grande maioria dos padres que vai participar da reunião é bem mais jovem do que o bispo e está longe de haver uma unanimidade de posições entre eles. Mas, num clero polarizado por lideranças conservadoras e progressistas, a figura moderada de d. Luciano ganha força, tanto na cúpula da CNBB como no trabalho pastoral do dia a dia, exatamente por apoiar iniciativas dos movimentos populares, mesmo quando não concorda com elas. No fim de maio, por exemplo, um grupo de padres de São Mateus resolveu promover um ciclo de debates sobre o poder popular na União Soviética, Cuba, China, Nicarágua etc. Ao chegar para a abertura do evento, ele se surpreendeu: "Vo-



D. Luciano, criador da Pastoral do Menor, começa a trabalhar às 5h30 e não tem hora para descansar

cês organizam uma coisa dessas e nem me avisam? Isso pode criar problemas para mim, não para vocês...", protestou, mas não impediu que o ciclo de debates fosse realizado.

Para manter unido um clero que vai de senhores engravados a padres de ténis e calça Lee, d. Luciano adota um estilo que lembra muito Tancredino Neves. Antes de abrir a reunião, conversa com vários deles em particular, apara arestas, sente o clima. Na hora da prece, pede pelas crianças, "que são para nós sinal de vida, de novidade, de bênção de Deus". Vários padres fazem suas preces, abrindo o leque do que se passa pelas suas cabeças: pelos aniversariantes do dia; pelos camponeses, para que "essa reforma agrária seja para valer e se torne uma realidade"; pela "nova República, que ainda apóia o sistema capitalista e reprime greves com a arma do medo e das demissões"; pelo "êxito da caminhada de Corpus Christi, para que a Igreja continue caminhando em direção dos mais sofridos e dos mais abandonados" etc.



"Muitas vezes sou obrigado

a apartar as brigas no berro"

Ao final da reunião, já se sente o cheiro da comida do almoço. Num piscar de olhos, os padres formam fila para se servir de arroz, bife rolê, farofa e salada, e d. Luciano continua lá no fundo do salão conversando com um e com outro. É o último a se servir e sentar à mesa numa cadeira qualquer que ficou vazia. "Tem dia que ele nem come, mas ajuda a lavar os pratos depois do almoço", comenta um padre ao ver o bispo se servindo. Em cinco minutos, ele já acabou de comer e não se queixa: "Deu para mastigar." Enquanto os padres fazem uma "vaquinha" para pagar o almoço, o bispo prossegue nas conversas ao pé do ouvido, já um pouco agoniado com a hora.

Seguimos agora para um cortiço na rua Santa Clara, onde há uma mulher querendo falar com ele. "Os cortiços constituem hoje nosso grande desafio pastoral. É um problema recente que ainda não conseguimos vencer, muito pior do que o das favelas. O homem da favela investe o seu dinheiro em comida. O do cortiço gasta boa parte do seu salário para pagar o aluguel. Ninguém se dá conta disso, as pessoas que passam na rua não imaginam como é a vida lá dentro dos cortiços."

Só na Paróquia de São João Batista, no Brás, um levantamento feito por algumas das 450 religiosas que atualmente trabalham na região registrou a existência de 280 cortiços. Irmã Miriam França Miranda, que depois de se aposentar como autônoma foi morar junto com outras religiosas no Brás para se dedicar unicamente à população encortificada, conta que esse trabalho tem só dois anos. "D. Luciano nos pediu para entrar em contato com essa gente dos cortiços e logo descobrimos que pelo menos a metade dos moradores é constituída de mães solteiras com filhos pequenos. Nossa atenção para o problema foi despertada quando vimos o grande número de quartos fechados o dia inteiro com cadeados e vozes de crianças lá dentro. No dia em que encontramos uma menina de dois anos que não conseguia nem se sentar de tão desnutrida, resolvemos abrir uma creche para alimentar essas crianças."

Uma das crianças era a menina Andréia, hoje com cinco anos. "Ela parecia uma sonâmbula quando entrou na creche. A mãe é costureira e trabalha fora o dia inteiro, não podia nem dar comida para a filha. Hoje, a Andréia é uma das crianças mais vivas da creche, muito inteligente, sempre bem humorada. Foi só dar comida para ela, um pouco de atenção..."

Apesar de todos esses problemas, a caminhada do cortiço da rua Santa Clara, bem em frente à "Nossa Casa", a sede que as religiosas montaram para dar assistência à população encortificada —ajuda para encontrar empregos, cursos de corte e costura e de aproveitamento racional de alimentos, bazar para venda de roupas a preços simbólicos, orientação para conseguir abatimento nas contas de água e luz— d. Luciano me diz: "Gostei mesmo —é de ficar aqui. Cada vez que tenho que viajar, fico preocupado. A minha vida hoje é tripartida: a Pastoral do Menor, a região do Belém, a CNBB."

Por falar nisso, ele resolve dar uma parada na Casa do Menor do Belém, onde 25 pessoas trabalham num plantão permanente de atendimento aos menores que saem da Febem, ali ao lado. Neste local, desenvolve-se um trabalho pioneiro de LAS —Liberdade Assistida Comunitária— para os menores carentes, que vai do fornecimento de refeições à ajuda na procura de empregos. Por onde passa, dentro do sobradão alugado, sempre tem alguém para barrar seu caminho e falar algo —de algum problema, certamente. Entre um problema e outro, ele aproveita para dar ou receber algum telefonema.

O carro depois passa em frente à sua casa, onde já tem gente esperando por ele. "Nossa diocese é dividida em seis setores, com 56 paróquias, noventa comunidades de base, dezesseis colégios, dez lares, sessenta centros comunitários, vinte creches...", inventaria d. Luciano, e interrompe no meio para um breve cochilo. Já estamos chegando ao cortiço, mas antes de entrar ele conversa com uma irmã na "Nossa Casa", explicando como se faz para transformar os cobertores doados por colégios religiosos em ponchos para as crianças. "Cada cobertor desses dá para fazer três ponchos. E só cortar aqui, colocar umas presilhas..."

Dona Josefa Maria da Conceição, 74, mãe de dezesseis filhos, oito deles ainda vivos, sentada junto à porta do seu quarto de cortiço de dois por dois metros, onde mora com o neto José Cleodaldo dos Santos, de 11 anos, quase deixa cair seu prato de arroz com feijão quando vê o bispo em pessoa. Pernambucana de Bom Jardim, lavradora e viúva de lavrador, Josefa veio para São Paulo faz um ano, a pedido de três filhos que moram aqui.



"Os cortiços constituem hoje o grande desafio pastoral"

Seu lar tem um beliche, um fogão de duas bocas e uma mesa. Não tem janelas, só a porta que dá para o corredor escuro, ao longo do qual foram montados com tabiques mais doze quartos iguais a esse. "Eu tenho o costume de falar a verdade. Vendi a casinha que tinha em Bom Jardim para pagar minha viagem mais o neto. Vim para cá porque os filhos chamaram. Cheguei aqui, não quisera saber da velha. Fui na casa de um por um, mas nenhum deles ainda veio aqui me ver."

O problema que dona Josefa quer contar ao bispo nada tem de original, mas é dramático. Ela mostra seu carne de INPS, pelo qual recebe Cr\$ 80.782 de aposentadoria. Atualmente, paga Cr\$ 50 mil de aluguel e já avisaram que no mês que vem o preço vai subir para Cr\$ 80 mil. "Não tenho marido, não tenho quem seja por mim. Os filhos são mais fracos do que eu. Como é que vou fazer para comer?"

Perguntas como essa povoam o dia do bispo da zona Leste e, embora não tenha respostas nem soluções para todas, vai seguindo em frente, na certeza de que vai-se dar um jeito. Antes de chegar à rua, acompanhado de dona Josefa que já parece menos

revoltada só por ter conversado com o bispo, d. Luciano vê pela janela de um tabique uma pequena menina estudando sozinha. A criança quer chegar até a janela para cumprimentá-lo, mas não consegue: tem as duas pernas atrofiadas.

Já são mais de duas horas da tarde, horário marcado para o início da reunião do Centro Social no salão paroquial da Igreja de São José do Belém, com a participação dos coordenadores das creches e dos centros comunitários. São religiosas, enfermeiras, pedagogas, assistentes sociais que se reúnem regularmente para fazer um balanço do seu trabalho com as crianças da região. No quadro negro, padre Filippelli, coordenador-chefe do grupo, já assumiu o tema do encontro: "Foi Jesus Cristo quem disse: venha, pois, entender quem puder/ Criança jamais é dilema/ Menino não é teorema/Menina jamais é problema/ Se acaso exista um problema/ O problema é de quem não os quer."

A pedido de d. Luciano, cada um dos cerca de quarenta participantes do encontro se apresenta, diz onde trabalha, fala das dificuldades e das vitórias alcançadas. O problema comum é a falta de espaço nos centros e nas creches para atender a todas as crianças que necessitam de atendimento. Atualmente, o Centro Social dá assistência a oito mil crianças e d. Luciano calcula que, dos oitocentos mil menores da região, pelo menos duzentos mil estejam necessitando de atendimento. Os números poderiam desanimar qualquer um, menos d. Luciano, que diz aos coordenadores: "Ainda estamos no começo. Vocês são os pioneiros, os desbravadores. Em comparação com o passado, já estamos muito melhor. Pouco a pouco, vamos melhorando. O importante é ter sempre presente que a criança é sagrada. E que a nossa grande recompensa é a própria criança."

O bispo alterna palavras de estímulo com cobranças. "O nosso objetivo permanente tem que ser servir sempre melhor. Não basta a boa vontade, apenas. Outro dia, fiquei sabendo que foram tratar uma criança que estava com problemas nos olhos, aplicando algumas ervas. Cegaram a criança. É preciso ter cuidado. A vida continua ali onde vocês estão dando a vida. Os frutos não demoram a aparecer."

D. Luciano conta o caso do menino de um centro comunitário, de nove anos, que hoje está cuidando de seus três irmãos. "A mãe morreu, o pai é camioneiro, às vezes fica uma semana fora de casa. E, com o que aprendeu no centro, o menino está criando os irmãos."

O Centro Social fica perto da sede da Região Episcopal Belém e d. Luciano aproveita para ir a pé até o seu quartel-general. Ao longo de um quarteirão, três pessoas o param na rua. Um deles é um antigo pipoqueiro do bairro. "O senhor está vendo meu caso, d. Luciano?" O bispo diz que sim e explica ao repórter: "Roubaram o carrinho de pipocas dele na semana passada e precisamos conseguir um outro."

A secretária passa os recados: "Doutor Luís ligou, precisa falar com o senhor sobre a Constituinte; ligaram da Cúria para dizer que os bispos podem se paramentar para a caminhada de Corpus Christi lá na escola Caetano de Campos etc etc". A sede da Região Episcopal fica num antigo cortiço onde moravam quarenta famílias. D. Luciano pára muito pouco aqui. Quem comanda o barco é Haroldo Miranda, 50, administrador de empresas, há três anos presidente do Centro Social e uma espécie de prefeito da diocese. Nos fins de semana, é ele quem acompanha d. Luciano em sua peregrinação pelas comunidades de base da periferia.

"Na periferia já temos um trabalho bem organizado. Mas é aqui na área central da diocese que estão hoje nossos maiores problemas. E o pessoal dos cortiços, que a gente chama

Continua na página seguinte



O bispo dando a partida para a corrida de pneus velhos

O "Anjo da Morte" no Brasil

Wiesenthal já admite que corpo pode ser de Mengele

Banco de Dados

Da Redação da Folha
O caçador de nazistas Simon Wiesenthal, 75, modificou radicalmente ontem sua posição inicial de ceticismo e afirmou estar inclinado a acreditar que o corpo exumado quinta-feira no cemitério de Nossa Senhora do Rosário, em Embu (SP), é de Josef Mengele, médico-chefe do campo de concentração de Auschwitz e responsável pela morte de 400 mil pessoas (a maioria judeus) durante a 2ª Guerra Mundial.

As declarações de Wiesenthal foram feitas em entrevista a uma rede de televisão norte-americana. Ele afirmou ter mudado de ideia (antes dissera estar quase 100 por cento certo que não era Mengele) depois de saber que a pista que levou à exumação da ossada foi descoberta pela polícia da Alemanha na casa de Hans Sedlmeyer, um ex-funcionário da fábrica de máquinas agrícolas pertencente à família de Mengele. Lembrou que uma fratura na bacia, resultado de um ferimento de trânsito ocorrido em 1944 em Auschwitz, poderá auxiliar na identificação da ossada.

Homem de ligação

Para Wiesenthal, que caça criminosos nazistas desde que foi libertado de um campo de concentração no fim da Segunda Guerra, a pista que direcionou a atenção dos investigadores para o Brasil foram os endereços encontrados pelos policiais alemães na casa de Sedlmeyer, na cidade de Neu-Ulm, Sul da Alemanha Ocidental. Referindo-se a Sedlmeyer, enfatizou: "Este homem fazia a ligação entre a família Mengele e o próprio Mengele. Em 64 e 65 nós tivemos essa informação e a enviamos ao procurador-geral na Alemanha, agora foi confirmado".

Há vários anos, Wiesenthal se dedica a procurar informações sobre Mengele, que ele acreditava estar ainda morando no Paraguai, sob a proteção do general Alfredo Stroessner. Em fevereiro passado, ofereceu, em nome de um grupo de cidadãos judeus, a quantia de um milhão de dólares que levasse à captura do médico-chefe de Auschwitz, responsável pela morte de 400 mil judeus, 150 mil das quais eram crianças.

Caçada permanente

Wiesenthal é o criador do Centro de Documentação Judaica, com sede em



Para o caçador de nazistas Simon Wiesenthal, a polícia está na pista certa

Viena, Austria, cuja principal atribuição é descobrir o paradeiro de criminosos nazistas onde eles estejam. O centro tem colaboradores em todas as partes do mundo. Por seu trabalho, Wiesenthal já sofreu atentados e várias ameaças de agressão feitas por grupos neonazistas.

Na Segunda Guerra, Wiesenthal foi preso pelo Exército alemão na União Soviética. Passou por inúmeros campos de concentração como Dachau, Buchenwald e, finalmente, Mauthausen, na Austria. Conseguiu sobreviver graças a várias fugas. Na

última delas, já no fim da guerra, foi recapturado e conduzido de volta ao campo austríaco. Ao chegar, caiu inconsciente, devido ao frio e ao cansaço. Foi encontrado com vida por soldados norte-americanos, seu corpo misturado aos cadáveres, a alguns metros dos fornos crematórios.

Desde então, ele não parou de perseguir nazistas. Localizou, entre outros, o comandante do campo de concentração de Sobibor, Franz Stangl, no Brasil, em 1967. Também o

Líder judaico não acredita na notícia

Da Reportagem Local

"Pode ser mais um despiste", reagiu José Knoplich, 49, presidente da Federação Israelista do Estado de São Paulo, à notícia transmitida ontem pela agência "Reuter", segundo a qual o caçador de nazistas Simon Wiesenthal estaria inclinado a acreditar que o corpo exumado no Brasil na última quinta-feira seria mesmo do criminoso de guerra nazista Josef Mengele.

Para o delegado Romeu Tuma, 53, no entanto, essa informação proveniente de Nova York não altera o encaminhamento das investigações em torno do caso. "Preferimos esperar os depoimentos e os resultados das provas técnicas, para sabermos a verdade", afirmou o superintendente da Polícia Federal em São Paulo. No momento, acrescentou, está-se aguardando uma resposta da Austria a respeito da identidade de Wolfgang Gerhard, cujos documentos teriam sido usados por Mengele.

Na opinião de José Knoplich, "vários detalhes dessa história fazem crer que tudo não passa de uma farsa". Ele insistiu que continua cético quanto à veracidade das informações fornecidas pelo casal Bosert. "O fato de o suposto Mengele ter morrido em 1979 e somente agora ser comunicado, e de ter também se deixado fotografar tantas vezes, reforça a ideia de encenação", argumentou ele.

chefe da Gestapo na cidade francesa de Lyon, Klaus Barbie, encontrado na Bolívia, há dois anos. Sua investigação mais espetacular foi a que levou à descoberta, em 1960 na Argentina, de Adolf Eichmann, encarregado da deportação das vítimas do nazismo para os campos de concentração. No mesmo ano, com informações cedidas por Wiesenthal, um comando do serviço secreto israelense sequestrou Eichmann em Buenos Aires. O ex-nazista foi levado a Israel, julgado e executado no ano seguinte.

URSS diz que o caso é manobra dos EUA para desviar atenção

Dos Agências Internacionais
A notícia do descobrimento dos restos mortais de quem se acredita ser o criminoso de guerra nazista Josef Mengele em um cemitério de Embu (SP) foi recebida com ceticismo na União Soviética, que acusa os Estados Unidos de acobertarem um grande número de nazistas.

Em um longo comentário divulgado ontem em Moscou, a agência oficial "Tass" cita as dúvidas a respeito da identidade da ossada encontrada em Embu manifestadas no Ocidente por caçadores de nazistas. E afirma que os EUA criaram uma grande discussão em torno do caso para "desviar a atenção mundial do fato de terem dado asilo a muitos seguidores de Adolf Hitler que continuam foragidos da Justiça".

O nome de Mengele, diz a agência soviética, "se associa a uma das páginas mais vergonhosas da lista de compromissos assumidos pelos aliados vitoriosos da 2ª Guerra Mundial

que os Estados Unidos violaram: castigar os criminosos de guerra". A "Tass" acusa os serviços secretos norte-americanos de terem ajudado Mengele a fugir da Europa para a América do Sul, depois do fim da guerra.

O comentário acrescenta que dos setenta mil criminosos de guerra nazistas identificados, cinquenta mil escaparam à Justiça, dos quais pelo menos dez mil "encontraram refúgio nos Estados Unidos, onde prosseguiram suas carreiras em organismos do governo, em laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de armas nucleares, nas diversas agências de espionagem e estações de rádio subversivas". Hoje, conclui o artigo, o governo norte-americano conhece perfeitamente os nomes e endereços desses criminosos, "que não têm sequer a necessidade de usar nomes falsos, tão grande a confiança que depositam na atitude favorável das autoridades norte-americanas em relação a eles".

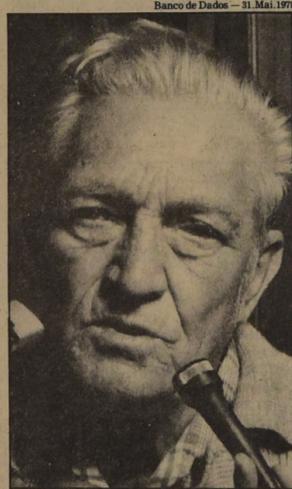
Pelo menos três criminosos nazistas viveram no Brasil

Comprovou-se a passagem e residência, no Brasil, de pelo menos três dentre dezenas ex-oficiais nazistas de importância acusados de crimes de guerra durante a Segunda Guerra Mundial e que supostamente estariam abrigados no País.

Herbert Cukurs, engenheiro e aviador nascido na Letônia (hoje uma das repúblicas da URSS), ao qual se atribuem as mortes de 32 mil judeus na Letônia, morou no Rio e em São Paulo entre o final da guerra e 1965. Foi dono de um serviço de pedalinhos numa lagoa carioca e, posteriormente, proprietário de um hidroavião de aluguel com base na represa de Guarapiranga, na capital paulista. Atraído a Montevidéu, capital do Uruguai, por uma proposta de participação em um empreendimento turístico, foi morto naquela cidade em fevereiro de 1965, durante uma tentativa de sequestro levada a cabo pelos serviços secretos israelenses.

O austríaco Franz Stangl, responsabilizado pela morte de 670 mil judeus e trinta mil austríacos não-judeus no campo de concentração de Treblinka, trabalhava na Volkswagen (em São Bernardo do Campo, SP) sob o nome de Franz Paul Stangl, quando foi detido pelo extinto Dops (Departamento de Ordem Política e Social), em fevereiro de 1967, graças a denúncias de caçadores de nazistas. Extraditado para a Alemanha Ocidental, foi condenado à prisão perpétua em 1970. Morreu na prisão, vítima de ataque cardíaco, em junho de 1971.

Também austríaco e oficial nazista, Gustav Franz Wagner refugiou-se no Brasil depois da guerra, durante a qual comandou as execuções de cerca de trezentos mil judeus no campo de concentração de Sobibor, na Polônia. Detido em um sítio do qual era caseiro, em Atibaia (SP), em meados de 1978, foi posto em



Wagner suicidou-se em 1980

liberdade pelas autoridades brasileiras, que recusaram vários pedidos de extradição. Em outubro de 1980, Wagner teve êxito em sua sexta tentativa de suicídio.

A detenção de Wagner se deu a partir da dissolução, pela Polícia Civil fluminense, no dia 23 de abril de 1978, de um congresso de antigos nazistas e simpatizantes, realizado a partir de 20 de abril no hotel Tyll, no km 155 da via Dutra (Br-116, que liga São Paulo ao Rio), no município de Resende, pertencente ao alemão naturalizado brasileiro Alfred Winkelmann. Cerca de 30 pessoas se reuniram nesse congresso, organizado pela Freiheitsbewegung des Deutschen Reich (Movimento de Libertação do Reich Alemão). Nenhuma foi detida pela polícia.

7 NOVOS CURSOS DE INFORMÁTICA PARA QUEM PRECISA CHEGAR NA FRENTE NO TRABALHO E NOS NEGÓCIOS

7 novos cursos estão começando na mais bem equipada escola de informática de S. Paulo. Todos eles são cursos práticos, onde você já começa a operar os micros desde as primeiras aulas, para fixar melhor o que está aprendendo. Você pode escolher desde o curso introdutório, que dá uma visão geral da utilidade da Informática na sua vida, até o curso profissionalizante, para quem está a fim de trabalhar exclusivamente como Programador. São 7 ótimas opções de desenvolvimento profissional, que vão ajudá-lo a vencer muitos obstáculos no trabalho e nos negócios. Inscreva-se no SENAC hoje mesmo e aproveite cada vez mais tudo que a Informática é capaz de fazer por você!

INTRODUÇÃO A MICROINFORMÁTICA

• A História do Computador • A utilidade do Computador • Os usos do Computador • Os diversos tipos de programas • Os modelos de Equipamentos • As linguagens de Computação
Início: 15/06 • Carga Horária: 18

MICROCOMPUTADORES - CONTATOS IMEDIATOS

(Para Executivos e Gerentes) • A anatomia dos micros • Sistemas Operacionais • Linguagem de Máquina e de alto nível • Microsistemas • Como escolher equipamentos • Como escolher programas • Como usar os principais aplicativos de uso profissional • Banco de Dados • Processadores de Textos • Planilhas Eletrônicas
Início: 12/06 • Carga Horária: 18

INTRODUÇÃO PRÁTICA A LINGUAGEM BASIC

• Equipamento SINCLAIR (O micro pessoal mais usado em todo o mundo) • Introdução ao Microcomputador • Digitação e Edição de Programas • Organização das Variáveis Numéricas e Cadeias • Laços e Decisões • Funções Gráficas • Variáveis Indexadas • Curso totalmente prático Utilização individual do equipamento TK-85. 6 horas-máquina adicionais para aperfeiçoamento
Início: 13/06 • Carga Horária Total: 30

INTRODUÇÃO PRÁTICA A LINGUAGEM BASIC

(A linguagem mais simples que existe) • Aplicações da linguagem BASIC • Formas de Processamento • Arquivos • Matrizes • Acesso Direto à Memória • Uso de Periféricos • 6 horas-máquina adicionais para aperfeiçoamento
Início: 11/06 • Carga Horária Total: 36

BANCO DE DADOS PARA MICROCOMPUTADORES

• O Sistema de Informações • Automatização do Sistema com o micro • A utilização de informações no processo de decisão • Como organizar o Banco de Dados • Obtenção, processamento, transformação, classificação, armazenagem, inter-relação, significação, codificação e recuperação de dados
Início: 10/06 • Carga Horária: 15

SUPERCALC II: USOS E APLICAÇÕES

(Uma das mais modernas e rápidas planilhas eletrônicas de cálculos da atualidade) • Conceitos Básicos • Comandos do Supercalc II • As funções do Supercalc II • Como fazer diagnósticos precisos das diversas atividades da empresa • Como fazer projeções seguras sobre o rumo dos negócios
Início: 11/06 • Carga Horária: 18

PROFISSIONALIZAÇÃO EM PROGRAMAÇÃO DE MICROCOMPUTADORES

• Introdução a Microinformática • BASIC I • Sistema Operacional CP/M • Lógica e Arquivos • BASIC II • 20 horas-máquina adicionais para prática individual no equipamento Itattec I - 7000
Início: 11/06 • Carga Horária Total: 152

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: 255-0066 (Central de Atendimento)

R. Dr. Vila Nova, 228 - 5º andar - S. Paulo

senac informática

Oferta válida até 15/06/85 ou enquanto durar nosso estoque

Nossa próxima atração.



TV COLOR NATIONAL 14" "Série Ouro" — tecla exclusiva para VCR, regulador automático de voltagem, cinescópio in line/Black Matrix, novo design, saída para fone de ouvido e amplificador. Se você se liga no melhor, venha correndo à Mesbla. Porque está em exibição em todas as nossas lojas a TV Color National 14". Uma TV avançada, por um preço que vai ser a grande sensação da temporada. Reserve agora o seu National 14".

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS

SERIE OURO

National

Mesbla

Utilize o seu Cartão de Crédito Mesbla ou compre sem entrada pelo Credi-Mesbla.

Mesbla O Melhor Para Você.

A venda nas lojas: Lapa, Pinheiros, 24 de Maio, Shopping Center Ibirapuera, Santo André, Campinas, Marília, Ribeirão Preto

PROPAGANDA